

# Capítulo I

*“Ninguém conhece bem uma mulher até enfrentá-la em um tribunal de justiça.”*

*Norman Mailer*

— É um belo dia para um divórcio.

Antes de subir as escadas do tribunal, Lauren deu uma olhada à sua volta para ver se alguém a ouvira falando sozinha. Se tudo corresse de acordo com seus planos, ela poderia sair dali como uma mulher livre. Dormiria muito melhor e respiraria com mais facilidade depois de se livrar de um bom peso, os quase noventa quilos do marido, o homem que ela já aguentara por tempo demais.

Um abençoado sopro de ar fresco a envolveu quando transpôs a porta de vidro e entrou no edifício. Apesar de setembro já ter começado, a umidade que assolava Sterling nos últimos meses de verão teimava em continuar.

Lauren acenou para o faxineiro Rusty, que estava guardando a enceradeira no armário de limpeza; depois cumprimentou os colegas que foi encontrando pelo corredor. O ressoar dos saltos altos clicando no chão de mármore a fez sorrir. Era um som agradável, um que ela ouvia quase todos os dias desde que passara no exame da Ordem e encomendara a placa que estava na porta de sua sala, onde se lia “Lauren E. Hunkavic – Advogada”.

Claro, era “Flynn” agora. A mudança de nome fora a única coisa boa em seu casamento. Não que ela não tivesse orgulho de seu nome de solteira. Seus bisavós checoslovacos haviam arriscado tudo, deixado para trás todos os entes queridos em busca de uma nova vida no outro lado do oceano.

Mas as crianças eram más. E impiedosamente implacáveis. Todo Dia das Bruxas ela era alvo de alguma brincadeira de mau gosto associando o sobrenome Hunk com algum tipo de gozação. Embora a brincadeira durante a sua adolescência tivesse sido quase inócua, o fato é que tinha perdurado tempo demais e acabara se tornando muito irritante.

Seus pais e professores haviam insistido que as crianças faziam isso simplesmente para vê-la sair do sério.

— Eles estão pagando por um bilhete de entrada — o pai lhe dissera

uma vez —, mas você não precisa ser a atriz do show.

No colegial, a maioria dos colegas parecia ter amadurecido, mas ainda havia um ou dois idiotas, até mais cruéis nos trocadilhos com o sobrenome dela.

Lauren não ficou surpresa ao ver o pai sentado no banco perto do elevador. Seu Dodge Ram quase aos pedaços estava estacionado na West Main Street, em frente à escadaria do tribunal. O pai devia ter chegado ali ainda de madrugada para conseguir aquele lugar. Mesmo estando dez minutos adiantada para a sua audiência, a primeira do dia, Lauren fora forçada a usar o estacionamento ao lado.

Tentou avaliar o humor de seu pai enquanto se aproximava. Apesar de jamais ter ficado doente de verdade, Lew Hunkavic era o maior pessimista que existia na face da Terra.

— Bom dia, papai. O senhor parece muito bem esta manhã. Olhos brilhantes, bem-disposto... Deve ter dormido bem.

Perguntar ao pai como ele estava se sentindo era uma oportunidade e tanto de abrir uma lata cheia de vermes gordos e asquerosos. Mesmo assim, ela sempre partia para a observação mais positiva possível.

— Meu cabelo está doendo. — Ele passou os dedos grossos nos cabelos grisalhos, inclinando a cabeça e estremecendo enquanto fazia isso. — Já venho sentindo dor há dias. Você saberia disso se tivesse me ligado.

— Mas papai, nós jantamos juntos no domingo — ela o lembrou com voz macia. — E hoje é quarta-feira.

— Eu sei que dia da semana é hoje — ele resmungou.

Lauren apertou o botão para chamar o elevador.

— Neste fim de semana, o senhor não vai ter de se preocupar porque vou telefonar mesmo, certo?

Percebeu um leve tremor nos olhos do pai, pensou vê-lo torcer a boca, mas certamente se enganara. Ele devia estar tão constrangido quanto ela naquela circunstância em particular.

— Além do mais — continuou Lauren —, cabelo não dói.

Ele se levantou do banco, a ponta de borracha de sua bengala rangendo no piso de mármore.

— Cabelo é feito de células mortas, pai. Não tem terminações nervosas, portanto não pode doer.

O pai a olhou com raiva, semicerrando os olhos, no momento em que o elevador chegou, a seta verde para cima se iluminando com um *dlin-dlin* musical.

— É carbunculose.

Eles entraram no elevador e Lauren apertou o botão do terceiro andar.

— Uma infecção do couro cabeludo, Lauren. Pesquisei naquele site que eu lhe falei, Saúde Natural-ponto-org.

A internet. Tanto uma bênção como uma maldição. Uma pessoa encontra informação sobre qualquer coisa lá. *Qualquer coisa*.

A maioria das pessoas passava seus anos dourados viajando pelo país, ou envolvido em algum *hobby*, ou imerso em grandes obras da literatura. Não o pai dela, com seus setenta anos de idade. Oh, não. Ele passava os dias debruçado sobre um teclado, pesquisando doenças na internet para ver em qual se encaixavam seus sintomas.

— Pai, não faria mal algum obter algum parecer profissional — ela aconselhou, cautelosa.

Ele se empertigou.

— Está me dizendo que meu couro cabeludo não está dolorido?

— Não, não. Não estou dizendo nada disso.

Subitamente, Lauren percebeu que precisava mudar de tática. Precisava que o pai estivesse de bom humor naquela manhã. Isto é, o melhor possível, dentro de seu pessimismo crônico.

As portas do elevador se abriram no terceiro andar, e eles saíram.

— Não tenho nenhuma dúvida de que o senhor esteja mesmo com dor — disse ela. — Posso ver isso pela expressão do seu rosto. Talvez devesse consultar o dr. Amos.

— Charlie Amos é um idiota.

— Papai, o senhor e o dr. Amos são amigos há...

— Não preciso de médico, Lauren. Comprei um pouco de óleo de melaleuca, árvore-do-chá. Algumas gotas no meu xampu devem acabar com o problema.

— Óleo de melaleuca, não me diga... — Lauren conteve um suspiro. — Onde o senhor ouviu falar sobre esse óleo? No Ache a Cura-ponto.com? — Antes que Lew Hunkavic pudesse responder, ela insistiu: — Papai, o senhor precisa perdoar o dr. Amos.

— Melhor esperar sentada. O homem não consegue nem diagnosticar uma simples erupção cutânea, Lauren. — Lew balançou a cabeça, reprovador. — Que pele seca, que nada! Eu sabia que tinha um problema e eu achei a cura, também. Aquele velho charlatão nem sequer sabe ligar um computador, muito menos fazer uma pesquisa no Google. Está atrasado no tempo. Como ele espera acompanhar os avanços da medicina?

*Através de revistas médicas, talvez? Conferências, simpósios, cursos de atualização?*, Lauren pensou em responder, mas ficou quieta.

O fato era que o bom médico tivera a infeliz ideia de aconselhar o pai dela a não tomar como verdade absoluta tudo aquilo que lia na

internet. Isso havia acontecido quatro meses antes, e desde então seu pai se recusava a reconhecer que o dr. Amos sequer existia.

Chegaram às portas duplas da sala do tribunal, e Lauren se virou para encarar o pai.

— Está bem, papai — ela ergueu a mão com a palma para cima —, podemos deixar esse assunto de lado por ora? O que vai acontecer aqui é muito importante para mim.

O suspiro profundo de Lew podia se dever à relutância dele em deixar de lado o assunto sobre a sua última enfermidade, poderia ser sua reação à entrada da petição judicial que Lauren havia impetrado no tribunal. De qualquer maneira, ela achou melhor ignorar a melancolia do pai.

— Nós já conversamos sobre o que o juiz pode perguntar ao senhor, certo? — Lauren arqueou a sobrancelha enquanto endireitava o colarinho da camisa azul do pai. — Lembra-se de como deve responder, não é?

— Lauren, não sou uma criança de quatro anos de idade.

Ela sorriu levemente, alisando o tecido da camisa.

— Desculpe, papai.

Empurrou a porta número três. A sala estava vazia e silenciosa enquanto pai e filha caminhavam pelo corredor central e se sentavam à mesa destinada ao querelante. Lauren abriu sua pasta de couro macio e tirou de dentro a capa plástica contendo os papéis de seu divórcio.

Documentos onde estava faltando uma assinatura vital. E não era a dela.

Lauren passou alguns minutos estudando as anotações e refletindo sobre todos os argumentos e réplicas que poderiam surgir. A oficial de justiça entrou por uma das portas localizadas atrás do banco do juiz, percorreu a sala e, em seguida, voltou ao gabinete.

— O juiz deve estar pronto para começar — Lauren murmurou para o pai, consultando o relógio. Faltava um minuto para as nove horas. — Para variar, Greg está atrasado. Ele nunca leva nada a sério. — Voltou a atenção para suas anotações. — Deve estar salvando alguma pobre e decrépita alma em algum lugar por aí.

Se existisse uma alma pobre e decrépita em um raio de cento e cinquenta quilômetros de Sterling, Greg a encontraria, disse não havia dúvida alguma.

Minutos depois, a porta da entrada principal da sala se abriu e Greg entrou. Lauren se forçou a não virar a cabeça para olhar para o marido, mantendo os olhos fixos no documento que estava à sua frente. Mas podia ver mentalmente o seu andar, leve e descontraído. Podia imaginar facilmente a roupa que ele estava usando: calça jeans e camiseta. Se ele tivesse decidido se vestir de acordo com a ocasião, talvez tivesse

escolhido uma camisa polo.

Na verdade, Lauren tinha de reconhecer que, quando eles haviam se conhecido, apreciara bastante o estilo descontraído de Greg. Ele era diferente dos rapazes que ela tinha namorado, aqueles colegas estudiosos que faziam parte de seu círculo social enquanto ela batalhava para obter o diploma de Direito.

Brim macio e desbotado caía bem no corpo de um homem como nenhum outro tecido. E os jeans marcavam bem os glúteos de Greg.

A lembrança fez Lauren ruborizar. Tinha decidido ignorar completamente o marido. Essa tática a ajudara a manter a sanidade durante meses. Mas a força daquelas imagens inapropriadas voltaram à sua mente.

Ela ergueu os olhos para a mesa do escritório.

— Ainda bem que algumas pessoas finalmente decidiram aparecer.

— Bom dia para você também, Lauren.

Greg ficou ao lado dela, perto o suficiente para que seu cheiro familiar, a mistura de sabonete e sol, a deixasse involuntariamente tensa. Sentiu-o se afastar, ouviu-o sentar-se à mesa do réu, e então não resistiu e lhe lançou um olhar.

A pele dele estava bronzeada, os cabelos negros penteados para trás depois do banho da manhã, os olhos fixos diretamente nela. Lauren tentou manter a expressão mais casual possível.

Greg voltou-se para o pai dela.

— Como está passando, Lew?

— Estou com carbunculose. Meu cabelo dói demais.

— Ah, que coisa...

Lauren não conseguiu deixar de revirar os olhos. Como se Greg se importasse! Mas então ela teve de reconhecer que ele se importava, sim. Com seu pai, pelo menos. Desde que apresentara um ao outro, os dois homens haviam se tornado amigos. De todas as mágoas que ela tinha contra Greg, a forma como ele sempre tratara seu pai não era uma delas.

— Você está com febre, Lew? — Greg se inclinou um pouco para a frente enquanto falava.

— Não. — Lew balançou a cabeça. — Nada disso. Tenho certeza de que depois que eu colocar um pouco de óleo anti-bacteriano no meu xampu, a dor vai sumir.

Mesmo agradecida por Greg sempre ter se preocupado e sido paciente com seu pai, Lauren estava aborrecida demais com ele para reconhecer isso agora. Pegou sua pasta e o bloco de notas, batendo-os sobre a mesa.

— Vejo que veio preparado, como sempre.

Nenhum documento. Nem bloco de notas. Nem mesmo um lápis

preso atrás da orelha. Parecia que ele estava dando tanta atenção àquela audiência como dera ao pedido de divórcio que ela lhe apresentara.

Lauren sentiu mais do que viu o sorriso surgir nos lábios dele.

— Ei, estou aqui, não estou? — ele retrucou, bem-humorado.

Antes que ela pudesse dar uma resposta sarcástica, a oficial de justiça apareceu.

— Todos de pé — a mulher disse, assim que o Juiz Brooks abriu a porta de seu gabinete. — O Tribunal está em sessão. O honorável Matthew Brooks presidindo.

Alto, com cerca de sessenta anos de idade, o juiz Brooks tinha cabelos ruivos e maçãs do rosto salientes. Era um dos três juizes de Sterling, o que significava que ele presidia um terço dos processos legais que passavam por aquele tribunal, e que ele e Lauren se viam muitas vezes. Sabia que o juiz era inteligente, tinha mente aberta e era justo.

Ele se sentou em sua cadeira de couro, colocou os papéis que trazia sobre a mesa e sorriu primeiro para Lauren, depois para Greg.

— Sra. Flynn, eu li a sua queixa — começou ele —, e pelo que vejo, a senhora não tem nenhum argumento legal em que se apoiar. Mas concordei em reunir hoje as partes envolvidas porque tenho certeza de que a senhora pretende mudar de ideia.

Pronta para a batalha, Lauren se levantou.

— Meritíssimo, peço que me deixe explicar. Já se passou um ano inteiro desde que eu...

O juiz Brooks ergueu a mão.

— Espere, doutora. Ainda não terminei de falar.

Lauren sentou-se, murmurando um pedido de desculpas.

O juiz apoiou os cotovelos sobre a mesa, torceu as mãos e focou sua atenção em Lauren.

— A sua frustração está expressa com muita clareza em sua petição. Mas a senhora conhece a lei, sra. Flynn. — Ele olhou para os documentos que estavam à sua frente e voltou a fitar Lauren. — Importa-se se eu lhe fizer algumas perguntas?

Ela conhecia bem o tom paternal de Matthew Brooks quando o ouvia. Mas estava disposta a passar por uma leve repreensão por estar tomando tempo da corte, se isso significava que teria uma chance de apresentar seus argumentos no final. E ele era justo demais para não ouvi-la.

— Não me importo, Meritíssimo — respondeu.

O secretário se levantou, mas o juiz balançou a cabeça.

— Não vai haver juramento hoje. Estamos apenas conversando, esta manhã. Este encontro tem tanto vínculo legal como se estivéssemos sentados do outro lado da rua, no Rose's Dinner. — Ele olhou para

Lauren. — Li que a senhora e Gregory Flynn já vivem separados há um ano. Mas a minha dúvida é: seu marido cometeu adultério?

— Não, Meritíssimo — ela disse.

— Ele abandonou a senhora?

— Não. Fui eu que lhe pedi para ele sair de casa.

— Ele cometeu algum crime?

*Será que acabar com o último centavo de minha poupança não é crime? E partir meu coração? Ter-me feito chorar até quase vomitar? E quanto a me desiludir? Ou me tirar totalmente do sério?*

Como nada disso era considerado infração punível pela lei, Lauren deu a única resposta possível:

— Não, não cometeu.

— Gregory Flynn é louco?

Lauren voltou-se para o marido, vendo seus olhos escuros brilhar, e então ele lhe deu um daqueles seus sorrisos irresistíveis.

O coração dela disparou por um momento. Droga, Greg mexia com ela. Não podia acreditar que depois de tanto tempo ainda se sentisse tão atraída por ele.

Automaticamente, seu treinamento de autocontrole funcionou e ela conseguiu desviar o olhar. Voltou-se mais uma vez para o juiz Brooks, mas hesitou por alguns segundos antes de responder.

— Não, não uma loucura comprovada.

— Ele abusou da senhora? — o juiz perguntou, preferindo ignorar a ironia dela.

Isso dependia da definição de “abuso”. Greg abusara de sua conta bancária, também de seu coração, aniquilara de vez a ideia que ela tinha antes de um sólido relacionamento entre um homem e uma mulher.

Lauren refletiu que poderia apelar para esse argumento e vencer, mas precisava manter o foco em cortar qualquer elo que pudesse ter com Greg ali naquele tribunal.

— Não, ele não abusou — forçou-se a responder.

— E nós não estaríamos aqui — o juiz disse baixinho —, se a separação fosse consensual. Não é verdade, sra. Flynn?

— Sim.

Ela nunca ficara tão brava na vida como no dia em que dissera a Greg para arrumar suas coisas e sair de casa. Ele tentara convencê-la de que as coisas podiam ser resolvidas, mas Lauren não cedera. Se não fosse tão bem-educada, ela teria se entregado à fúria total naquele dia, berrado como uma doida e jogado as roupas dele no gramado da frente, e...

Bem, aquele não era o momento de se perder em devaneios agradáveis.

— Segundo a lei de Maryland, se a separação for consensual, o

divórcio será definitivo após doze meses. — O juiz Brooks baixou as mãos entrelaçadas e se inclinou para a frente. — Como eu disse antes, sra. Flynn, entendo que esteja frustrada. Passou um ano esperando que seu marido aceitasse o divórcio. É bastante tempo. É normal e compreensível que queira seguir com sua vida. Mas devo lembrá-la de que esta foi uma separação contrária à vontade do sr. Flynn, portanto ele tem todo o direito de aguardar que se completem os dois anos permitidos por lei antes de assinar os papéis.

Lauren agitou-se em sua cadeira.

— Mas não há necessidade de esperar, Meritíssimo. Não há absolutamente nenhuma possibilidade de reconciliação. Nenhuma mesmo. — Ela ergueu a mão. — Zero possibilidade!

Abrindo a pasta, ela consultou suas anotações. Era crucial seguir rigorosamente o planejado.

— Eu trouxe meu pai como testemunha. Ele ficará feliz em testemunhar que Greg e eu não vamos voltar a viver juntos.

— Sra. Flynn, sente-se — ordenou o juiz. — Relaxe. Se vão ou não viver juntos não importa. A lei estabelece que...

— Eu sei o que a lei estabelece.

O juiz lhe lançou um olhar de advertência e ela selou os lábios. Procurou relaxar na cadeira como ele ordenara.

— Lamento ter interrompido o senhor. Isso não acontecerá novamente.

O juiz a observou por um momento, então voltou o olhar resignado para o pai dela.

— Sr. Hunkavic?

— Sim, senhor. — Lew empertigou-se na cadeira, os dedos apertando a bengala com força. — Este sou eu. Lewis Ivan Hunkavic.

— Acredita, sr. Hunkavic, que sua filha e seu genro têm alguma chance de resolver as suas diferenças?

— Bem, Meritíssimo...

O estranho timbre de voz do pai alertou Lauren. Ele passou os dedos pelos cabelos, as sobrancelhas quase se unindo.

— Minha maior preocupação é com a felicidade de Lauren, claro — começou. Fez uma pausa, depois continuou: — Sei o que ela quer que eu diga aqui. Ela me disse isso muitas vezes.

Lauren entreabriu os lábios e soltou um suspiro silencioso.

— O senhor não está sob juramento, sr. Hunkavic — o juiz Brooks lembrou —, mas isso não significa que não apreciarei a sua total sinceridade aqui.

Lauren viu o pai hesitar por um momento, então ele fez algo muito peculiar. Estendeu a mão livre, agarrou o braço da cadeira e a puxou um

pouquinho para *longe dela*.

— Meritíssimo, devo admitir... — o olhar de Lew pousou sobre o juiz — ...que minha filha tende a ser um tanto teimosa demais. Herdou esse traço de personalidade da mãe. Que Deus a tenha.

O juiz apenas sorriu discretamente.

— Desculpe-me pela intromissão, Meritíssimo. — Lauren se levantou, a voz soando alta e clara. — Penso que meu pai tenha se tornado uma testemunha hostil.

— Sra. Flynn, a senhora prometeu que não iria interromper. E eu poderia lembrar que foi a senhora quem solicitou esta audiência? Que é informal. — Como que para confirmar a observação, o juiz Brooks estendeu a mão e deslizou o martelo alguns centímetros à sua direita. — Nós estamos apenas conversando aqui. Isso é tudo o que estamos fazendo.

Lauren sentou-se novamente, dirigindo ao pai um olhar fulminante, embora soubesse que este não teria efeito algum sobre ele. Havia ocasiões em que Lew Hunkavic podia ser tão irritante quanto o Greg, e ela sabia que aquela era uma dessas ocasiões.

Lew bateu a bengala silenciosamente no chão duas vezes.

— Senhor, eu acredito que minha filha esteja muito zangada com Greg. Com boas razões, tenho de reconhecer. Ele cometeu alguns erros ao longo dos últimos anos. — Lew se inclinou para a frente, suavizando a sua voz ainda mais. — Mas, pessoalmente, não acho que dinheiro seja uma boa razão para acabar com um casamento.

Mais uma vez, Lauren soltou um suspiro.

— Papai! Há muito mais do que dinheiro envolvido nessa questão. O senhor sabe disso.

Ela olhou para a frente, ignorando os homens que estavam de ambos os seus lados.

— Meritíssimo, não há possibilidade de reconciliação entre mim e Gregory. Posso garantir isso. É preciso dois para dançar o tango, e não apenas não quero dançar como também não aguento ouvir a música. — Empertigou-se mais na cadeira. — O fato de que tive de vender meus sapatos de dança de salto alto para pagar a dívida de meu marido é apenas um dos motivos que levou nosso casamento a desmoronar.

Lew se voltou surpreso.

— Chegou a pensar que isso seria um problema entre você e Greg? Insiste em dançar tango com esse tipo de sapato?

Lauren nem deu atenção às perguntas do pai, querendo deixar bem claro o que estava dizendo ali.

— Meritíssimo, esvaziei minhas economias e meus fundos de pensão

para pagar as dívidas de Greg. Ele me custou quase sessenta mil dólares. Meu pai vai morar comigo a partir deste fim de semana porque não posso mais pagar o aluguel dele e pensar em minha aposentadoria ao mesmo tempo.

— Obrigado por dizer ao mundo inteiro que você me sustenta — o pai resmungou.

— Eu não sustento o senhor, papai. Eu apenas o ajudo. Há uma grande diferença.

Lauren olhou para Greg e o viu olhando a para frente, os músculos da testa tão tensos que pareciam até doer. Ela não era responsável pela vergonha que ele sentia. Queria apenas sua assinatura naqueles papéis, droga.

— Meritíssimo — ela continuou —, levarei anos para recuperar as minhas perdas. Toda vez que me sento para pagar as contas e percebo que tenho de cortar meu orçamento ainda mais por causa do péssimo planejamento financeiro de Greg e de suas insensatas decisões profissionais, eu quase passo mal do estômago. Minha náusea aumenta ainda mais quando me lembro de todas as mentiras que ele contou. Ele traiu minha confiança. E quero acabar com isso. De uma vez por todas e para sempre!

Lauren se calou e lançou ao juiz Brooks um olhar de inabalável determinação.

O velho juiz, com sua formidável toga negra, devolveu-lhe o olhar, e Lauren teve medo que ele a desapontasse. Mas ele balançou a cabeça e voltou-se para Greg.

E foi então que Lauren pôde quase curtir o gostinho da vitória.

— Sr. Flynn — o juiz disse baixinho —, o senhor se importaria se eu lhe perguntasse por que está arrastando esse processo por tanto tempo?

Lauren percebeu que Greg refletiu sobre a questão por um momento. Finalmente, ele ergueu os ombros e gesticulou, com a palma da mão para cima.

— Orgulho, eu acho.

O juiz bateu com o dedo silenciosamente em sua mesa.

— Sua resposta me surpreende. Eu estava esperando ouvir algo completamente diferente. Pode me ajudar a entender o que está querendo dizer?

Alto e forte, e acostumado a usar uma serra de esquadrilha e a subir em telhados, Greg parecia desconfortável ali naquela cadeira. No entanto, talvez tivesse achado a pergunta do juiz desconcertante.

— Não gosto da ideia de deixar as coisas como estão.

Quando ele hesitou, o juiz insistiu:

— Mas o que quer dizer, sr. Flynn? Como assim, “deixar as coisas como estão”?

Greg pigarreou e afundou na cadeira.

— Eu... bem, não gosto da ideia de me afastar de Lauren enquanto as coisas estão... assim tão ruins. Se ela atendesse aos meus telefonemas, ou falasse comigo quando me encontra na rua, eu poderia ter poupado a todos nós esta audiência de hoje. Poderia ter expressado meus sentimentos por ela. Explicado o meu plano. Eu estava querendo que as coisas se resolvessem. — Ele baixou as mãos. — Não que eu pense que poderemos nos reconciliar ou alguma coisa desse tipo, Meritíssimo. Lauren deixou bem claro o que pensa sobre isso. — Greg pensou por um momento, coçando o queixo. — Mas eu queria resolver a parte financeira do problema. Seria uma humilhação para mim se eu concordasse em me divorciar de minha esposa enquanto devo a ela tanto dinheiro. O senhor é homem, então tenho certeza de que entende como me sinto.

Lauren piscou, confusa.

— Mas você não me deve dinheiro algum. — A surpresa enfraqueceu seu tom de voz, e ela olhou para o juiz. — Ele não me deve nada.

— É o que tenho tentado dizer a Greg — sussurrou Lew.

— Ah, mas eu devo, sim. — A firmeza na voz de Greg fez com que Lauren se voltasse para ele. O marido a olhava como se apenas ela estivesse na sala. — Você mesma disse isso, Lauren. Quase sessenta mil dólares.

— Mas, Greg, meu nome estava em seu negócio. — Isso tinha sido mesmo um erro. Mas o amor tem um jeito de tornar as pessoas iguais a um rato cego. — Esta foi a parte da dívida que me coube quando a loja faliu.

— Aquela dívida era minha, Lauren. Não sua.

A intensidade do olhar de Greg a envolveu por inteiro, perturbando-a intensamente. Era por essa razão que ela tomava o caminho oposto sempre que o via no supermercado Super G ou no County Bank. Não podia conversar com o homem sem correr o risco de desabar.

— Meritíssimo. — Lauren procurou concentrar a atenção no homem com a toga negra, a única pessoa que tinha alguma chance de fazê-la reconquistar sua liberdade. — Poderia explicar a lei para o meu marido? Convencê-lo de que não me deve dinheiro algum?

A expressão do juiz Brooks suavizara significativamente enquanto Greg falara.

— Tem de admitir, sra. Flynn, que os motivos de seu marido são genuínos. Está com as melhores intenções em relação à senhora. — O juiz deu de ombros. — Atrevo-me a afirmar que o sr. Flynn está agindo

de forma cavalheiresca neste caso.

Lauren fez uma careta.

— Sem querer desrespeitá-lo, Meritíssimo, garanto-lhe que o cavalheirismo morreu junto com o rei Arthur.

— Lá vem você de novo — Lew resmungou —, subindo nos saltos...

Lauren lançou um olhar duro para o pai.

— Isso não faz sentido, papai. Como o senhor pode ficar sentado aí nessa calma toda? Se não pretende me ajudar, pelo menos não piore as coisas para mim. — Ela voltou o olhar para o juiz. — Não quero o dinheiro de Gregory. Quero a assinatura dele. Nestes documentos. — Ela sacudiu os papéis no ar. — Não quero esperar mais um ano para conseguir meu divórcio. Eu preciso...

— Tudo bem! — Greg bateu o punho sobre a mesa e se levantou, as pernas de sua cadeira rangendo no chão. — Se isso é tão importante para você, Lauren, eu assinarei os papéis!

Sim! Era isso o que ela estava esperando. Que Greg finalmente entendesse o seu lado e concordasse em dissolver o casamento, de uma vez por todas.

Pegou sua caneta Montblanc e colocou a petição diante de Greg, na velocidade de um foguete. Seus dedos roçaram na mão dele e foi como se uma corrente elétrica a percorresse, obrigando-a a reprimir um arrepio. Greg não deu sinal de ter notado a reação dela.

— Você deveria ler antes de assinar — ela murmurou, no auge da satisfação quando Greg rabiscou seu nome na linha indicada.

Ele colocou a caneta de lado, o olhar sério fixo nela.

— Obrigado pelo conselho, senhora Advogada.

Ignorando o tom sardônico, Lauren pegou os documentos.

— Meritíssimo, posso me aproximar? Se assinar os documentos agora, isso acelerará o processo ainda mais.

— Espere um momento, sra. Flynn. — O juiz abriu uma pasta e tirou dela um papel pardo. — Isto aqui muda tudo. Podemos tratar da partilha agora, já que todos estamos presentes.

Lauren sentiu o coração disparar.

— Perdoe-me, Meritíssimo, mas não há nada a partilhar. Comprei a casa antes de me casar com Greg. O nome dele nunca esteve na escritura. — Lauren tinha perdido a conta de quantas vezes agradecera aos céus por isso. — Todo o inventário foi liquidado e a loja vendida, e o dinheiro, destinado ao pagamento das dívidas. Mantive meu carro. Greg ficou com a caminhonete. E concordamos que ele poderia ficar com as ferramentas, para assim poder ganhar a vida. — Ela endireitou os documentos, batendo-os sobre a mesa. — Como pode ver, não restou nada para dividir.

— Oh, sra. Flynn — o juiz praticamente cantou as palavras enquanto vasculhava os papéis à sua frente —, é aí que a senhora está enganada.